

DESCOMPASSOS IDENTITÁRIOS NO FALAR EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DAS MARCAS LINGUÍSTICAS DA INDETERMINAÇÃO NO DISCURSO EM LE

*Solange Coelho Vereza
Vivian Mendes Lopes*

RESUMO

O artigo problematiza a indeterminação no discurso em língua estrangeira (VEREZA, 2002) – a distância entre o querer e o poder dizer nessa prática de linguagem. O estudo procura identificar as marcas linguísticas dessa indeterminação em produções discursivas de licenciandos brasileiros em Letras Português-Inglês, a partir do exame do fenômeno da expressividade/avaliatividade nos textos (MARTIN e WHITE, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: indeterminação; discurso; avaliatividade.

Elaborando a questão: discurso em LE, identidade e indeterminação

Este artigo tem como objeto norteador uma pesquisa que parte da problematização do falar em língua estrangeira (LE)¹. Entendemos como problematização, neste estudo, a desnaturalização e o questionamento de

¹ Apesar de usarmos, neste trabalho, o termo “língua estrangeira” (LE), pois foi esse o termo adotado desde a primeira fase do primeiro projeto que norteou esta pesquisa, reconhecemos, hoje, a relevância do conceito de “língua adicional”. Esse conceito é respaldado pela visão, por nós compartilhada, de que o aprendiz já é competente em pelo menos uma (ou mais) língua materna. (“The term *English as an additional language* acknowledges that students are already competent speakers of at least one home language.” Cf. NORDQUIST, R. <<http://grammar.about.com/od/e/g/English-As-An-Additional-Language-eal.htm>>. Acesso Mar. 2014).

uma prática cada vez mais comum em nosso mundo em processo (para o bem ou para o mal) de globalização: o falar/aprender uma língua estrangeira, mas do ponto de vista do sujeito que se insere ou se engaja em tal prática discursiva.

Investigar esse falar não é uma iniciativa nova, principalmente na pesquisa em linguística aplicada. Os estudos de aquisição de segunda língua, muito frequentes a partir da década de 1970, procuravam compreender e buscar regularidades no processo de aprendizagem, com base na produção discursiva do que veio a ser chamado “língua do aprendiz” (*learner language*, CORDER, 1971). Mesmo deixando de ser considerada apenas como “desvio” da língua alvo, para ser abordada como, do ponto de vista estrutural ou sistêmico, uma língua em si mesma (*a language in its own right*), não havia dúvidas de que essa “interlíngua” era apenas um processo, um contínuo de complexidade, em direção à língua alvo. O termo “alvo” sempre marcou claramente o objetivo subjacente final e determinante do processo de aprendizagem: a aquisição plena do sistema da LE. Procurar entender o desenvolvimento da interlíngua era, direta ou indiretamente, buscar, também, aprimoramento ou maior eficácia do processo de ensino/aprendizagem.

Com a transição, a partir de meados da década de 1970, para as chamadas abordagens comunicativas, ou seja, a ênfase na fluência e não na correção gramatical, na função, e não na forma e, finalmente, na negociação, e não na simples apreensão de sentidos, a pesquisa sobre a produção em língua estrangeira passou a ser motivada por outras questões: como se dá a interação (aluno-professor; aluno-aluno), que atos da fala são produzidos em língua estrangeira (SINCLAIR e COULTHARD, 1975), que estratégias comunicativas e cognitivas (OXFORD, 1990) caracterizam essa produção inserida na interação, entre outras. A grande mudança estaria na natureza do “alvo”, que não seria mais o domínio completo da língua estrangeira, tendo o falante nativo como manifestação viva desse alvo, mas sim a capacidade de se comunicar, usando estratégias de interação e, assim, poder agir pragmática ou “funcionalmente” em contextos reais de interação.

Esse distanciamento do falar nativo como meta, principalmente no contexto de inglês como língua estrangeira, tem recebido apoio de vários teóricos,

No entanto, como argumentaremos no decorrer deste artigo, o discurso na língua adicional parece revelar, ou até mesmo conduzir, um “meta-olhar”, que muitas vezes motiva um “sentir-se estrangeiro de si mesmo”.

sob diferentes perspectivas. Por um lado, em uma perspectiva filosófica pós-colonialista, há a crítica à hegemonia da língua inglesa no mundo contemporâneo, principalmente à sua associação quase que exclusiva com países onde ela é falada como primeira língua, como os E.U.A. e a Grã Bretanha (PHILLIPSON, 1992; PENNYCOOK, 1998). Essa visão, atrelada à de cunho sociolinguístico, que aborda a língua inglesa como língua franca ou internacional (JENKINS 2003; SEIDLHOFER, 2004), retira a possibilidade do inglês ter “donos” e de esses imporem modelos de falar corretamente. O inglês (ou “ingleses”), passando a pertencer ao mundo, torna-se uma língua, ou um uso linguístico, fluido, em constante mudança e, com isso, as representações do que seria falar corretamente também mudariam, contemplando essa fluidez e consequente quebra de modelos sistêmicos rígidos. A expectativa de um falar “como britânico” ou americano, por exemplo, passou a ser vista, por linguistas aplicados contemporâneos (RAJAGOPALAN, 1997, por exemplo), como manifestações de uma crença culturalmente enraizada que, em sua forma mais abrangente, ou seja, a que atinge qualquer uso não hegemônico de linguagem, estrangeira ou materna, é hoje conhecida como “preconceito linguístico” (BAGNO, 1999, p. 13).

Essas mudanças de posicionamentos perante o que antes era considerado “desvio” e, como consequência, estigmatizado sócio e pedagogicamente, não parecem, no entanto, ter migrado da esfera teórico-acadêmica para o senso comum, inclusive aquele que rege o pensamento e a conduta pedagógica de muitos professores de língua. Da mesma forma, parece razoável acreditar que as novas visões mais flexíveis ou tolerantes perante falares não tão próximos ao modelo idealizado de falante nativo ainda não tenham influenciado, de maneira significativa, as crenças e expectativas dos próprios aprendizes no que diz respeito a sua produção discursiva em LE. Ou seja, até que ponto os falantes de inglês como língua estrangeira sentem-se confortáveis com a condição, hoje teoricamente respaldada, de usuários do que poderia ser considerado inglês internacional ou inglês como língua franca?

Em nosso estudo, essa questão surgiu, em um primeiro momento, como resultado de um questionário que tinha o intuito de investigar depoimentos informais de vários alunos, graduandos do último ano do curso de Letras (Português-Inglês). Esses depoimentos remetiam ao fato de que, apesar de obterem relativo sucesso na transmissão do que poderia ser considerado as ideias centrais das mensagens intencionadas, os alunos “não conseguiam expressar totalmente

o seu pensamento e sentimentos na língua estrangeira” (VEREZA, 2002, p. 352). Os resultados do questionário corroboraram os depoimentos e nos levaram a formular perguntas mais consistentes que vêm, desde então, norteando uma pesquisa que tem como foco a compreensão do que passamos a chamar “indeterminação no discurso em língua estrangeira” (VEREZA, 2002, p. 351). Essa noção de indeterminação foi assim desenvolvida no início do projeto:

A indeterminação, tão cara aos semanticistas, e tão rejeitada pelos pragmáticos, encontra um lugar propício para se evidenciar: o discurso em língua estrangeira; quando se é vago, quando não se quer sê-lo; ambíguo, por não saber ser preciso; mais, ou menos direto do que se pretendia. A força pragmática do discurso cria a ilusão - e a esperança- de uma comunicação eficiente e sem ruídos: afinal, consegue-se fazer coisas com o dito. Mas, até que ponto o não dito, que do falante não consegue se esconder, exclui outros possíveis atos de linguagem relacionados à função identitária do discurso? O que fazer quando o falante se depara com o ter que fazer sentido com formas linguísticas cuja “história” muitas vezes ainda não caiu no “esquecimento”, ou não nos apropriaram e nem foram por nós visceralmente apropriadas; ou melhor, quando o que se diz e o que se quer dizer (mesmo que esse querer seja somente uma ilusão de um querer) parecem, muitas vezes tão distantes? E é essa distância, que nenhuma inferência pode recuperar, que estamos chamando aqui de “indeterminação” no discurso em língua estrangeira”. (VEREZA, 2002, p. 355)

Um exemplo dessa indeterminação seria o relato do jogador de futebol Petkovic que, segundo o jornal O Globo (*Caderno de Esportes*, Rio de Janeiro, p. 4, 6 jul. 2011) “chegou a ficar sem palavras ao comentar o que sentia após a volta olímpica de despedida de sua carreira”. Disse, na ocasião, o jogador: “Entrar em campo e ver as cores de seu país, com seu nome, foi muito emocionante. Meu português não é tão bom para descrever em palavras o que é a torcida do Flamengo”. O nosso foco de investigação, assim, é o hiato entre o “querer dizer” e o “poder dizer”. Isso não implica o pressuposto de que, em

língua materna, dizemos sempre o que queremos. Como Petkovic, falantes nativos muitas vezes se encontram “sem palavras” para expressar o que sentem, mesmo em sua própria língua. Uma rápida pesquisa na ferramenta de busca Google retorna aproximadamente um milhão de entradas para a expressão “estou sem palavras”, o que indica que a visão subjetiva da “falta de significante” é bastante frequente. Outro indicador do mesmo fenômeno seria, como sugere a pesquisa de Ghiraldele (2003), a visão ou o desejo de uma língua ideal que pudesse dar conta da “precisão e exuberância dos recursos expressivos” (GHIRALDELO, 2003, p. 79). Dessa forma, afiliamo-nos à noção de que o sujeito, mesmo em L1, não é autônomo para escolher, de livre arbítrio, a fala que coincidirá com sua identidade: haverá sempre uma falta. Essa falta, no entanto, no discurso em LE, se explicita, motivando um “estranhamento” (REVUZ, 2006, p. 224) que, acreditamos, traz consequências para a identidade discursiva, ou pelo menos para a sua representação subjetiva.

Breves considerações sobre discurso e identidade

Estudar a relação entre discurso e identidade tem sido uma atividade acadêmica cada vez mais prolífera. Como afirmam Bastos e Moita Lopes (2011, p. 13)

A questão da identidade tornou-se um dos grandes temas dos tempos em que vivemos. As práticas sociais [...], como reflexo da relevância que tal assunto alcança em nosso mundo, têm, continuamente, problematizado quem somos ou quem estamos nos tornando em nossos dias, certamente em consonância com a indagação de Mercer (1990) sobre a identidade se tornar uma questão quando colocada sob suspeita.

Ao observarmos os temas desenvolvidos nessa área, o que surge como bastante significativo é o caráter transdisciplinar desses estudos, que abrangem aspectos de vários campos das ciências humanas e sociais. Isso não parece ser uma surpresa; afinal, a identidade é tema nobre na filosofia, na psicologia, na antropologia, na sociologia e nas ciências políticas. Na área de Letras, a identidade sempre foi um tema precioso na literatura, mas só recentemente tem recebido atenção dos estudos da linguagem, mais especificamente aqueles

desenvolvidos nas diversas formas de análise de discurso que reintroduziram a questão do sujeito no paradigma linguístico (BASTOS e MOITA LOPES, 2002 e 2011; CORACINE, 2003, 2007).

Apesar da diversidade, esses estudos parecem compartilhar duas noções consensuais que fundamentam seus questionamentos. Em primeiro lugar, como era de se esperar, está a estreita relação entre discurso e identidade: se muitos hoje acreditam que a realidade é construída discursivamente, porque a identidade não o seria? O segundo consenso, provavelmente gerado e nutrido pelo pensamento pós-moderno, seria a natureza plural, multifacetada, fragmentada, dinâmica, e instável da identidade (HALL, 1992). Dessa forma, a noção de uma identidade única e homogênea foi posta em xeque: podemos apenas conceber, hoje, a possibilidade teórica de identidades, no plural.

Essa multiplicidade de identidades se confunde, em determinados estudos (MAGALHÃES, GRIGOLETTO e CORACINI, 2006, por exemplo), com a noção de papéis sociais e representações, ou seja, gêneros e práticas identitárias em contextos socioculturais caracterizados por determinados tipos de discurso. Dessa forma, sob uma perspectiva um pouco diferente, porém complementar, identidades estariam atreladas a jogos de linguagem, associados a vivências ou à práxis social, como na máxima wittgensteiniana.

O nosso interesse, no entanto, recai mais fortemente sobre a questão da identidade em relação à subjetividade *vis-à-vis* o discurso; ou seja, a identidade discursiva. Compartilhamos a visão de que “toda relação com uma língua provoca alguma reação no sujeito, deixando consequências indeléveis na sua constituição identitária” (CORACINI, 2011, p. 310)

Nessa perspectiva, no âmbito do discurso em língua estrangeira, algumas perguntas que se colocam, com base nos relatos produzidos na pesquisa mencionada anteriormente, seriam: “Que identidade é essa que me escapa? Que voz é essa que não é minha? Quem fala por mim quando falo uma LE?” A ilusão de se poder ter uma identidade, ou de simplesmente viver um “eu”, mesmo que fragmentado, é necessária para que possamos agir sobre o mundo. Mesmo sendo esse “eu” heterogêneo, composto por várias vozes, como propõe Bakhtin (2003), ele nos dá voz, e é essa voz que queremos acreditar ser nossa, que alivia o silêncio de nossas “desidentidades”, ou acalma o burburinho dessas outras vozes, tornando-as sempre, provisória e ilusoriamente, uma só. O falar em língua estrangeira parece provocar em

muitos um estranhamento (REVUZ, 2006, p. 224) que desperta e escancara tal burburinho, retirando-nos da relativa paz que nossa língua *materna*, *mother tongue*, *muttersprache*, tal como uma mãe, nos traz em seu abraço. O desconforto da indeterminação e o desejo da completude da expressão via linguagem podem ser, assim, comparados àquele tratado por Bauman (2005): “Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento” (BAUMAN, 2005, p. 20).

Fase 1: investigando as marcas linguísticas da indeterminação

Ao contrário dos estudos, como os já mencionados, que procuram compreender a dimensão cultural e ideológica do que aqui tratamos como indeterminação (as representações de uma língua ideal, por exemplo, como em Ghiraldelo, 2003), nossa pesquisa busca identificar e analisar a materialidade linguística na produção discursiva em língua estrangeira, que poderia marcar e motivar tal indeterminação.

Na primeira fase da pesquisa, relatada em maior detalhamento em Vereza (2002) e Custódio e Gabriel (2002), desenvolvemos um estudo que tinha como *corpus* amostras da produção discursiva em língua estrangeira e em língua materna de cinco alunos universitários, do último ano do curso de Licenciatura em Letras (Português-Inglês). A hipótese geral a ser investigada era a de que a indeterminação seria promovida pela distância entre eficácia e relevância pragmática (SPERBER e WILSON, 1986), por um lado, e precisão semântica (BRUTON, 1999), por outro, na produção discursiva de falantes de língua estrangeira. Mais especificamente, procuramos averiguar se o uso de estratégias de compensação (OXFORD, 1990) que, a princípio, garantiriam, com algum sucesso, a fluência e a adequação pragmática do discurso em LE, poderia restringir esse mesmo discurso semanticamente, tornando-o indeterminado do ponto de vista do falante.

As amostras consistiam de relatos de um filme feitos pelos alunos, tanto em inglês quanto em português. Os textos orais foram gravados e posteriormente transcritos para análise, que era focada na natureza semântica do material produzido nas duas línguas, principalmente no que diz respeito à complexidade/densidade lexical dos textos (CARTER, 1987). Os resultados

quantitativos e qualitativos mostraram que a maioria dos participantes da pesquisa apresentou, em sua produção discursiva em língua materna, um conteúdo informacional significativamente mais denso. Os relatos em LE, por outro lado, indicaram um maior grau de indeterminação, no que se refere ao teor de vagueza e à falta de precisão lexical do vocabulário utilizado. Isso, porém, parece não ter impedido, do ponto de vista do interlocutor, que a função pragmática do relato (“contar a história do filme”) fosse bem sucedida, mesmo em LE. Observou-se, no entanto, que os participantes enriqueceram seus relatos, em língua materna, não apenas com itens lexicais mais precisos ou complexos, mas também com passagens interpretativas e avaliativas sobre o filme assistido, expressando suas opiniões pessoais e/ou críticas em relação ao tema abordado. Concluímos assim que, além da complexidade lexical, houve um maior grau de expressividade no discurso em português, pois foi nessa produção que o falante pareceu marcar mais explicitamente sua subjetividade:

Apesar da evidente perda de precisificação semântica dos relatos em língua inglesa, não parece haver dúvida de que esses atingem plenamente seu principal objetivo pragmático que é o de simplesmente “contar a estória” do filme. Mas, ao analisarmos atentamente alguns dos relatos, podemos identificar, somente nos textos em português, uma outra função da linguagem que neles transborda: a função expressiva, que, dando voz ao sujeito, permite-lhe transmitir, explicitamente, sentimentos, julgamentos e valores em relação tanto ao conteúdo do que diz, quanto à própria forma daquilo que diz (um “metadiscurso-expressivo”) [...]. A expressividade, então, parece se “inibir” nos relatos em inglês, que somente acolhem com maior intimidade a previsibilidade da função referencial (VEREZA, 2002, p. 357).

A questão específica do menor grau de complexidade e precisificação lexicais da produção discursiva em língua estrangeira e a consequente percepção de indeterminação por parte dos falantes nesta língua, mesmo os considerados fluentes, foi corroborada, mais sistematicamente, pelo estudo de Castro (2003), um dos desenvolvimentos do projeto de pesquisa. A outra questão que surgiu como resultado da análise – a dimensão da expressividade –, que, por nos parecer de grande relevância para a compreensão da indeterminação em LE, passou a ser o foco investigativo da segunda fase do projeto.

Fase 2: enfocando a expressividade

O objetivo da segunda etapa do projeto era investigar a relação entre a indeterminação e a marcação/construção da expressividade no discurso em LE. Para tanto, desenvolvemos um estudo contrastivo, semelhante, do ponto de vista metodológico, ao da etapa anterior do projeto, em dois principais aspectos. Estes incluíam: população de pesquisa de perfil similar, isto é, seis alunos de períodos avançados do curso de Licenciatura em Letras Português-Ingês de uma universidade federal, e *corpus* constituído por amostras de suas produções discursivas orais em inglês (LE) e em português (língua materna - LM), geradas em contexto de pesquisa e transcritas para análise.

Em razão da ênfase dessa fase do estudo, decidimos gerar um *corpus* de natureza avaliativa. O propósito era observar, nos pares de textos de cada participante, eventuais diferenças expressivas que fossem motivadas por possíveis episódios de indeterminação e examinar os efeitos dessas distinções sobre a representação subjetiva do falante. Dessa forma, optamos pela geração de textos de caráter interpretativo, produzidos com base na leitura de um fragmento do conto *A pair of silk stockings*, de Kate Chopin, cuja temática detalharemos na discussão da análise. Essas produções foram dirigidas por um questionário que solicitava a avaliação do comportamento da personagem principal e alguma especulação sobre o fim da narrativa.

A teoria da avaliatividade

As unidades de análise dessa fase do estudo foram provenientes da chamada “Teoria da Avaliatividade” (cf. *Appraisal Theory*; MARTIN e ROSE, 2003; MARTIN e WHITE, 2005), que investiga a construção da subjetividade nos textos. A avaliatividade constitui um sistema, de natureza semântico-discursiva, desenvolvido pelo Círculo de Sydney da Linguística Funcional Sistêmica de M. A. K. Halliday. Os recursos avaliativos manifestam a interação do falante/escritor com a dimensão social do discurso, conforme sugerem os autores:

[A avaliatividade] lida com o aspecto interpessoal na linguagem, com a presença subjetiva dos escritores/falantes nos textos à medida que estes se posicionam com relação ao conteúdo

que apresentam assim como aos leitores/ouvintes com os quais se comunicam. Lida com a maneira como escritores/falantes constroem suas identidades autorais ou personas [...]. (MARTIN e WHITE, 2005, p. 1; tradução nossa)

O sistema de avaliatividade se desenvolve em torno da noção de “atitude” (sentimentos, julgamentos e valores que o falante/escritor negocia com o ouvinte/leitor), mas é também sensível ao modo como as atitudes são construídas e compartilhadas nos textos. O esquema a seguir esboça as principais categorias semânticas desse sistema e alguns dos expedientes linguísticos que as realizam:

Esquema 1: Categorias da Avaliatividade

Avaliatividade ----- Atitude ----- ex. satisfeito, normal, detalhado
Gradação ----- ex. muito/pouco triste, uma mulher de fato
Engajamento ----- ex. não, embora, talvez, é provável que

O domínio da atitude abrange três dimensões semânticas: afeto (expressão das emoções), julgamento (avaliação do comportamento das pessoas) e apreciação (avaliação dos objetos). As dimensões de afeto, julgamento e apreciação abrangem uma diversidade de domínios semânticos mais detalhados. Destes, destacaremos apenas aqueles referentes à dimensão de julgamento, bastante sensível à temática do conto e da tarefa de pesquisa que motivaram a geração do *corpus*.

Esquema 2: Categorias de Atitude

Atitude ----- Afeto ----- ex. feliz, triste, confiante, ansioso
Julgamento ----- Normalidade -- ex. previsível, imprevisível
Capacidade --- ex. sensato, insensato
Tenacidade --- ex. responsável, negligente
Verdade ----- ex. honesto, desonesto
Ética ----- ex. altruísta, egoísta
Apreciação ----- ex. consistente, preciso, detalhado, genuíno

Quanto aos expedientes linguísticos, os significados atitudinais são tipicamente realizados por adjetivos (“feliz”), nominalizações (“felicidade”) e processos (“sorriu”)². Sobre a aplicação das categorias de atitude à pesquisa, importa salientar que estas nos serviram de parâmetros para a identificação e para o pareamento de enunciados semanticamente afins nas produções em língua estrangeira e língua materna.

Quanto à condução da análise contrastiva, os parâmetros adotados tomaram como referência as categorias de engajamento e gradação. Uma das principais premissas que fundamentam essas categorias é a de que a comunicação verbal é essencialmente dialógica (BAKHTIN, 2003) e, nesse sentido, interage com textos que lhe antecedem e constrói uma posição de recepção para o ouvinte/leitor. Os recursos de engajamento marcam a heteroglossia (encontro de vozes) no discurso. O sistema organiza-se em dois eixos: expansão (*expansion*), ou inclusão de vozes, e contração (*contraction*), ou exclusão de vozes. O esquema seguinte ilustra esses dois eixos no nível de detalhamento que atendeu aos interesses da pesquisa:

Esquema 3: Categorias de Engajamento

Expansão ---- Considerar -- ex. talvez, provavelmente, é possível que, na minha opinião
Atribuir ----- ex. ela disse/acredita, a afirmação/crença, segundo ele
Contração---- Refutar ----- ex. não, embora, mas, entretanto, até, surpreendentemente
Declarar ----- ex. naturalmente, o autor prova, a verdade é, na realidade

No plano da expansão dialógica, a categoria “considerar” (*entertain*) abrange locuções que situam a proposição como tendo o falante/escritor como fonte. Tais locuções constroem a voz autoral como propagando apenas um dentre outros posicionamentos possíveis, “levando-os em consideração”. A categoria “atribuir” (*attribute*) abrange locuções que dissociam a proposição da voz autoral, atribuindo-a a uma fonte externa e eximindo a voz autoral da negociação direta da proposição com os ouvintes/leitores, conferindo, assim, um efeito de

² A atitude também pode ser realizada de maneira indireta, por meio de significado ideacional/experiencial capaz de evocar uma interpretação avaliativa por parte do ouvinte/escritor. Por exemplo, em “Os colonizadores trouxeram as doenças”, pode-se verificar uma realização indireta de julgamento (MARTIN e WHITE, 2005, p. 62).

imparcialidade ao texto. No campo dos recursos de contração dialógica, a categoria “refutar” (*disclaim*) abrange a negação e as locuções que expressam concessão ou contrariam expectativa. Na perspectiva dialógica, a negação introduz e rejeita a polaridade positiva da proposição. De maneira semelhante à negação, as locuções que expressam contrariedade de expectativa (ex. Embora ‘x’, ‘y’.) também introduzem posicionamentos alternativos àquele defendido pelo autor para excluí-los (isto é, o que vale é ‘y’ e não ‘x’). Por fim, a categoria “declarar” abrange adjuntos de comentário, que constroem a proposição como “natural” ou pausada no “bom senso” (ex.: naturalmente); processos semióticos, que constroem endosso a uma dada fonte externa (ex.: mostrar, provar, demonstrar); e locuções que enfatizam o posicionamento autoral (ex.: a verdade é, na realidade).

O outro subsistema da avaliatividade também associado à construção de relação do autor com seu texto e seus interlocutores é a gradação. Como as atitudes podem ser expressas positiva ou negativamente, podemos falar em graus de positividade/negatividade (para mais ou para menos: “muito” capaz ou “pouco” capaz; “muito” gananciosa ou “pouco” gananciosa) ou da centralidade/marginalidade no uso das categorias semânticas (“verdadeiramente” ambiciosa ou “meio que” ambiciosa). As regulações de gradação que se processam em termos de intensidade figuram a categoria “força”, enquanto as que se processam em termos da centralidade/marginalidade das unidades de significação figuram a categoria “foco”, conforme ilustra o esquema seguinte:

Esquema 4: Categorias de Gradação

Gradação -----	Força -----	ex. muito, pouco
	Foco -----	ex. verdadeiramente, meio que

Do ponto de vista dialógico, as maximizações (*up scaling*), tanto de força quanto de foco, estão associadas ao efeito de contração, e as minimizações (*down scaling*) ao efeito de expansão dialógica. No que concerne à condução da pesquisa, as categorias de engajamento e gradação serviram como parâmetros de comparação das formulações que realizavam conteúdos atitudinais afins nas produções em língua estrangeira e em língua materna de cada participante. Elas nos permitiram analisar diferenças na construção/projeção da *persona* autoral (tom mais comedido *vs.* tom mais categórico), entre outros aspectos que destacaremos na discussão dos resultados.

Resultados: desencontros de gradação e engajamento

Um padrão geral observado no *corpus* eram diferenças expressivas marcadas no nível da gradação. Para prover um pouco do campo dos eventos comunicativos examinados e melhor esclarecer a própria condução da análise, iniciamos esta seção reproduzindo um par de enunciados em que a diferença de gradação se revela de maneira bastante simples e nítida:

Amostra 1:

(LE) *She is devoted to her family*³ (+)

(LM) Ela é uma pessoa dedicada à família

Refletindo o conjunto do *corpus* de pesquisa, os enunciados em questão expressam as atitudes da participante diante da protagonista do conto que motivou as interpretações. Em síntese, o conto é uma espreita, em terceira pessoa, dos conflitos de consciência vividos por uma mulher que, ao encontrar uma determinada quantia de dinheiro, se vê dividida entre o dever de comprar roupas decentes para os filhos e o desejo repentino de possuir um par de meias de seda. A narrativa propiciava um debate de caráter ético, o qual era reforçado por um questionário que inquiria sobre o caráter da personagem e sobre como gastaria o dinheiro (o final havia sido omitido). Nesse sentido, a maior parte das construções atitudinais nas interpretações constituíam manifestações de julgamento.

Na amostra em destaque, a base semântica geral de cada enunciado é a noção de “tenacidade” (persistência, perseverança, constância). No que concerne ao contraste das formulações linguísticas, verifica-se uma diferença marcada em termos de gradação de força, revelando a maximização de apenas uma das formulações do par (sinalizada por ‘+’). As considerações que seguem dizem respeito a uma possível relação entre diferenças expressivas marcadas no nível da gradação de força e a ocorrência de episódios de indeterminação. Determinados enunciados sugeriram que muitas das dessemelhanças expressivas encontradas estariam associadas a um possível confronto do falante com a formulação do conteúdo intencionado, tais como os que seguem:

³ Ela é devota à família.

Amostra 2:

(LE) *She cares about objects that are important for their survival*⁴ (+)

(LM) Ela preocupa-se com as necessidades materiais

Em ambos os enunciados, verifica-se uma realização indireta de julgamento positivo (correção, responsabilidade, etc.) via significados ideacionais (ela assiste aos filhos). Nesse par, as formulações *objects that are important for their survival* e “necessidades materiais” diferem em termos de gradação “força”. Além disso, a primeira formulação, de base descritiva/explicativa (tal como uma circunlocução), parece ser uma realização compensatória (OXFORD, 1990) da segunda. Esse desencontro na construção de gradação de força parece assim indiciar um possível episódio de indeterminação: o confronto do falante com a formulação da mensagem.

O que a pesquisa problematiza é que, no nível discursivo, o possível recurso compensatório, nesse caso o uso da palavra *survival* tem um efeito intensificador, que confere ao enunciado em inglês um tom mais categórico, não necessariamente previsto ou desejado pelo falante. Assim, quando percebido pelo falante, o efeito destoante, implicado nas palavras usadas compensatoriamente, pode ser vivenciado como um desencontro com a própria mensagem, uma espécie de “desidentificação”.

O registro do descompasso entre a possível *persona* prevista e aquela articulada a cargo das palavras em uso, assim como a participação da indeterminação como possível aspecto promotor da própria percepção desse descompasso são questões que melhor se esclareceram na análise com base no parâmetro do engajamento. Os pares de enunciados que seguem ilustram a projeção do efeito de assertividade/dramaticidade (menor reflexão ou ponderação) articulada à formulação da mensagem em LE:

Amostra 3:

(LE) *It's foolish ... maybe she could spend her money with more important things **but** ... it is a personal decision.*⁵

(LM) Se ela resolver gastar o dinheiro comprando a meia ... é justificável.

⁴ Ela importa-se com objetivos que são importantes para a sobrevivência [da família].

⁵ [Isto] é tolo ... talvez ela pudesse gastar o dinheiro com coisas mais importantes.

Amostra 4:

(LE) *It would be strange **but I wouldn't judge her that way**.*⁶

(LM) Essa seria uma decisão acertada.

Como se pode acompanhar, os dois pares de amostras indicadas são especulações sobre o fim da narrativa. Nestes, os participantes constroem julgamentos a respeito da possível decisão da personagem pela compra das meias de seda. O contraste dos enunciados dá indícios de que, nas construções em língua estrangeira, os recursos de engajamento operam manobras de ajuste do dito, possivelmente na direção de perseguir um efeito de moderação em razão do uso de palavras semanticamente saturadas/categóricas (observe-se que as expressões sublinhadas em cada par parecem próximas entre si do ponto de vista semântico, porém guardam uma nítida diferença de extensão).

Quando examinados sob o pano de fundo da fala na língua materna, os enunciados em questão sugerem que as ocorrências de engajamento de refutação (sinalizadas em negrito) estão atreladas a proposições que parecem atenuar, no desdobramento discursivo, a força das palavras *foolish* e *strange*, e seu conseqüente efeito de crítica rígida. Nas formulações em português, ao contrário, as palavras “justificável” e “acertada” encerram, em sua própria base semântica, o tom de flexibilidade/condescendência que seus enunciados projetam. Em outras palavras, o contraste é sugestivo de que, nos enunciados em inglês, o efeito de relativização parece ser alcançado (ou talvez resgatado) com formulações que se apõem ao já dito, reconstruindo categorias semânticas cujos efeitos intersubjetivos são possivelmente sentidos como não coincidentes com o projeto de discurso.

O contraste a seguir evidencia, mais claramente, o recurso às locuções construtoras de engajamento para o ajuste da forma e em que medida este seria distinto do engajamento com foco no conteúdo, articulador da recepção das atitudes propagadas pelo texto:

⁶ Isto é estranho mas eu não a julgaria dessa forma.

Amostra 5:

(LE) *She is kind of over concerned with things related to her life. It seems to me that she practically only cares about her money; **but not** in a greedy way, **but** with important things to survive.⁷*

(LM) Ela se preocupa com aquela quantia, que **não** é tão grande, **mas** que, para ela, é bem valiosa.

Nesta amostra, vê-se o recurso ao engajamento de refutação nos dois termos do par, porém, apenas no enunciado em língua estrangeira, a construção de dialogia parece estar atrelada à função de ajuste da formulação linguística. Neste, *but not* e *but* parecem agir sobre formulações semanticamente saturadas: *over concerned with things related to her life e she practically only cares about her money*. Nesta última, principalmente, a intensificação do processo verbal pode denotar alinhamento do falante com uma crítica (“pensar só em dinheiro”, no sentido de mesquinhez ou ambição excessiva). Nesse caso, a refutação confere aos enunciados que se apõem a essas formulações um caráter de ressalva – a de excluir justamente o tom de crítica implicado nas escolhas lexicais, reforçando, assim, a propagação de julgamento positivo.

No enunciado em português, ao contrário, os recursos de refutação parecem apenas articular a recepção do enunciado em termos de seu conteúdo avaliativo. Nesse caso, os recursos de refutação integram um comentário que explica o motivo da preocupação com a quantia encontrada: a quantia não é grande, mas é valiosa (ou seja, a família não dispõe de muitos recursos). Assim, a escassez de recursos é apresentada como um argumento que sustenta o próprio julgamento positivo do comportamento da personagem: a refutação exclui uma ideia – a de que dinheiro pouco não tem valor.

Está aí, a nosso ver, o principal ponto de distinção entre o uso dos recursos de engajamento nos dois enunciados: embora no enunciado em língua estrangeira haja também uma ideia sendo excluída (a mulher não é gananciosa), essa ideia é construída como um dos sentidos implicados na formulação (ao qual o falante sinaliza não estar se referindo: *not in a greedy way*). Em outras palavras, vemos uma orientação metadiscursiva/metaenunciativa nesse uso do

⁷ Ela está meio que super preocupada com as coisas relacionadas à sua vida. Parece-me que ela praticamente só se importa com seu dinheiro; mas não de uma maneira gananciosa, mas com coisas importantes para sobreviver.

engajamento, que articula e manifesta uma interação do autor não só com o conteúdo de sua fala, mas com esse conteúdo em razão da forma que o realiza. Os recursos de engajamento, especialmente os de contração dialógica (restringem os significados na direção do possível sentido intencionado pelo falante), parecem constituir um marcador significativamente explícito de atenção do falante à atividade de construir expressão em LE.

Considerações finais

A observação de marcas linguísticas que têm, específica e explicitamente, o metadiscurso como expressão da indeterminação em LE, abre caminho para outras indagações a serem exploradas em uma nova fase da pesquisa, cujas bases já foram desenvolvidas em Lopes (2014). Sendo assim, sentimo-nos, de uma certa forma, seguros ao afirmar que as várias etapas de nossa investigação, que tem como foco a indeterminação em língua estrangeira e suas marcas linguístico-discursivas, vêm revelando a consistência e plausibilidade de nosso objeto, do ponto de vista teórico e analítico. Ressalta-se, também, sua contribuição para a área da linguística aplicada, principalmente no que concerne à produção discursiva em LE e seus efeitos identitários. Isso não quer dizer, no entanto, que mesmo recebendo um tratamento sistemático, ao longo de mais de uma década, respaldado por metodologias e aparato teórico que consideramos consistentes, a pesquisa ofereça respostas definitivas, ou não problematizáveis, ou até mesmo facilmente generalizáveis. Afinal, não se pode dizer que o *corpus* seja quantitativamente representativo, apesar de ser abordado analiticamente por um viés qualitativo. Além disso, o estudo de amostras discursivas em línguas diferentes, em momentos assíncronos, mesmo sendo produzidas pelo mesmo falante, pode representar uma certa limitação no teor de nossas conclusões.

Mesmo considerando esses aspectos, os resultados vêm confirmando aquilo que, de uma maneira pré-teórica, muitos falantes e professores de LE se reportam como sendo “uma frustração no dizer”, e como consequência, no próprio “ser” que se constrói pela e na ação discursiva. Acreditamos que, ao abordarmos esse “sentimento” com base em sua conceituação como objeto de estudo (a indeterminação em LE) e de sua investigação em uma perspectiva de uma teoria linguística de base funcional (a Teoria da Avaliatividade) que

fornece unidades analíticas que trazem luz ao fenômeno estudado, estejamos contribuindo para a compreensão do que pode ser visto, equivocadamente, ao nosso ver, como uma “deficiência”, e não como um modo específico de se estar no mundo discursivamente. Desnaturalizar e reconstruir identidades com base no “estrangeiro em mim” é, sem dúvida, um processo que merece um olhar atento e investigativo permanente por parte, principalmente, de falantes e profissionais de LE.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 13-69.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 395.
- BASTOS, Liliana Cabral e MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. *Estudos de Identidades: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRUTON, Anthony. The price of correction. *IATEFL*. Vol., n. 147: 8: 123-149, 1999.
- CARTER, Ronald. *Vocabulary*. Applied Linguistics Perspectives. Londres: Routledge, 1987.
- CASTRO, Mabel. A study of lexical complexity in foreign language production. 2003. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p. 7.
- CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. Apresentação. In: _____. *Identidade e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp e Argos, 2003. p. 13 - 19.
- _____. *A Celebração do Outro: arquivo, memória, identidade de línguas (materna e estrangeira), pluralismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- CORDER, Stephen Pit. Language learner language. In: RICHARDS, Jack. (Org.). *Understanding Second and Foreign Language Learning*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1971. p. 78- 97.

GABRIEL, Mariana Amarante; USTÓDIO, Michelle Gonçalves. Estratégias de compensação e indeterminação na produção discursiva em língua estrangeira. In: *Cadernos de Letras da UFF*, 25: 65-72, Niterói, 2002.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. As representações de língua portuguesa e as formas de subjetivação. In: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. *Identidade e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp e Argos, 2003. p. 57-82.

HALL, Stuart. The question of cultural identity. In: HALL, S., HELD, D. e MCGREW, T. *Modernity and its futures*. Politic Press/Open University Press, 1992.

JENKINS, Jennifer. Current perspectives on teaching world Englishes and English as a lingua franca. *TESOL QUARTERLY*. Vol. 40, n. 1: 157- 170. 2006.

LOPES, Vivian Mendes. *How can I say it?* – explorando a metadiscursivização do dizer em LE: perspectivas da indeterminação. 2014. 207f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014, p. 25-33.

MAGALHÃES, Izabel.; GRIGOLETTO, Marisa e CORACINI, Maria José. *Práticas Identitárias: Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

MARTIN, James e ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. Londres: Continuum, 2003. p. 25-48.

MARTIN, James e WHITE, Peter. *The language of evaluation: Appraisal in English*. Nova York: Palgrave, 2005. p. 1-40.

NORDQUIST, Richard. English as an additional language. *About education*. <http://grammar.about.com/od/e/g/English-As-An-Additional-Language-eal.htm>, 08/01/2014.

OXFORD, Rebecca. *Language learning strategies: what every teacher should know*. Boston: Heinle e Heinle, 1990. p. 43-51.

PENNYCOOK, Alastair. *The Cultural Politics of English as an International Language*, Londres: Longman, 1995.

_____. *English and the Discourses of Colonialism*. Londres: Routledge, 1998.

PHILLIPSON, Robert. *Linguistic Imperialism*. Oxford: OUP, 1992.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguistics and the myth of nativity: comments on the controversy over “new/non-native Englishes”. *Journal of Pragmatics*, v. 27: 225-231, 1997.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Linguagem e identidade*. São Paulo: Fapesp; Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 213-230.

SEIDLHOFER, Barbara. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*. Vol. 24: 209-239. 2004.

SINCLAIR, John e COULTHARD, Malcolm. *Toward an Analysis of Discourse: the English used by teachers and pupils*. Oxford: OUP, 1975.

SPERBER, Dan e WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and cognition*. Oxford: OUP, 1986.

VEREZA, Solange Coelho. Quem fala por mim? Identidade na produção discursiva em língua estrangeira. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 351-361.

IDENTITY MISMATCHES IN SPEAKING A FOREIGN LANGUAGE: A STUDY OF LINGUISTIC MARKERS OF INDETERMINACY IN FL DISCOURSE

ABSTRACT

The article discusses indeterminacy in foreign language discourse (VEREZA, 2002) – a mismatch between what speakers wish to say and what they manage to say. This study seeks to identify the markers of this indeterminacy in the discourse productions of Brazilian Letters undergraduates in English and Portuguese, which is approached from the perspective of Appraisal in texts (MARTIN & WHITE, 2005).

KEYWORDS: indeterminacy; discourse; appraisal theory.

Recebido em: 31/03/2015

Aprovado em: 26/09/2015